

МЕЛГА



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor
Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Vice-Reitora

DIRETORA DA EDITUS
Maria Luiza Nora

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente
Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro
Antônio Roberto da Paixão Ribeiro
Dorival de Freitas
Fernando Rios do Nascimento
Jaênes Miranda Alves
Jorge Octavio Alves Moreno
Lino Arnulfo Vieira Cintra
Lourival Pereira Junior
Maria Laura Oliveira Gomes
Marcelo Schramm Mielke
Marileide Santos Oliveira
Raimunda Alves Moreira de Assis
Ricardo Matos Santana

Ruy do Carmo Póvoas
(organizador)

MUEJIGÁ

e o contexto da escravidão

André Luiz Rosa Ribeiro
Carlos Roberto Arléo Barbosa
Flávio Gonçalves dos Santos
Ivaneide Almeida da Silva
Kátia Vinkátilo Pontes
Maria Gonsuolo Oliveira Santos
Marialda Jovita Silveira
Mary Ann Makony
Teresinha Marcis

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2012

©2012 by Ruy do Carmo Póvoas

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Alencar Júnior

REVISÃO
Maria Luiza Nora
Genebaldo Pinto Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M516 Mejigã e o contexto da escravidão / Rui do Carmo Póvoas (organizador). – Ilhéus : Editus, 2012.
496p. : il.
Inclui bibliografia e anexos.

ISBN: 978-85-7455-267-5

1. Escravidão – Bahia (Região Sul) – Sec. XIX – Coletânea. 2. Mejigã- História. 3. Candomblé (culto) – Ilhéus (BA). 4. Cultos afro-brasileiros . 5. Bahia – Religião – Influência africana. I. Povoas, Rui do Carmo.

CDD – 326.098142

KÀWÉ

O Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KÀWÉ é um espaço criado em 1996, com o objetivo de construir conhecimentos sobre questões atinentes à africanidade no território de abrangência da UESC e aproximar a Universidade das comunidades afrodescendentes, para contribuir com o rompimento das dicotomias avassaladoras entre segmentos socioculturais.

Para isso, o Núcleo desenvolve suas atividades através de várias ações que se materializam em pesquisas, eventos, cursos, oficinas, seminários, aulas abertas, sessões de estudo, palestras, encontros e exposições que permitem abordar as questões almejadas.

As atividades do KÀWÉ têm gerado conhecimentos que possibilitem produtos diversos e diversificados, a exemplo de acervo fotográfico, cedês, artigos, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além da publicação de livros e da *Revista Kàwé*.

Coordenador

Ruy do Carmo Póvoas

Equipe Kàwé

Elis Cristina Fiamengue
Jeanes Larchert
José Luiz de França Filho
Maria Consuelo Oliveira Santos
Marialda Jovita Silveira
Ruy do Carmo Póvoas
Valéria Amim

Projeto de Pesquisa

Culturas africanas, tradição oral e memória no Sul da Bahia

Linhas de Pesquisa

Corporeidade e tradição afrodescendentes

Cultura, educação e africanidades

Estudos filosóficos e relações étnicas

Linguagem, tradição oral e representações

Religião, saúde e práticas sociais

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KÀWÉ

3.^º andar da Torre Administrativa

Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16

Salobrinho, Ilhéus, Bahia – 45.662-900

Fone: (73) 3680-5157

<http://www.uesc.br/nucleos/kawe/index.php>

kawe@uesc.br

AGRADECIMENTO

Dizem os mais velhos que um só, por si, não se ergue. E este livro não seria organizado, se eu não encontrasse parceria. Isso se deu graças ao ato-resposta daqueles que entenderam o meu aceno. Essa resposta merece retorno a todos aqueles que, de um modo ou de outro, contribuíram para que a resposta fosse plena.

Especialmente,

A equipe dos produtores dos textos,

A equipe da Editus,

A Genebaldo Pinto Ribeiro, com o seu profícuo trabalho como consultor, suas sugestões e críticas.

A Maria Luiza Nora de Andrade, pelas sugestões, revisões e acompanhamento constante de todas as etapas da organização.

A Alencar Júnior pelo projeto gráfico.

A Fadori e a Mukaylassimbe que tantas vezes assumiram minhas tarefas cotidianas, para que eu tivesse tempo para a organização.

A Universidade Estadual de Santa Cruz, que abriga a todos nós com os nossos sonhos.

A todos, o meu reconhecimento e o penhor de minha gratidão.

*Ruy Póvoas
organizador*

DEDICATÓRIA

Para meu irmão Zamayongo, que tem me ajudado a transportar o fardo da memória.

À memória de Inês Mejigã, por sua capacidade de superar a escravidão e gestar um sonho de liberdade.

À memória de todos os negros e negras que, no anonimato, enfrentaram o preconceito, salvaguardando na oralidade outros aspectos de nossa história, ignorados pelas oficialidades.

A todos aqueles que continuam resistindo, para além da cor de sua pele.

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

Os elementos da ficção, ficção enquanto classificação de um tipo de escrita, são seus episódios e acontecimentos, seus personagens, falas, sentimentos e ações. Esses elementos são criados e mostrados pelos autores que, ao manipulá-los, contam suas histórias, criam um mundo em que seus personagens “vivem, movem-se e são”. Às vezes, história, estória e ficção se confundem, até porque os limites de cada um são sutis. Onde termina a história e começam as estórias? E ao tratar do africano, do afrodescendente, do povo de terreiro, do candomblé, este trânsito é mais propício, mais facilitado, pois não lhe foram dadas voz, visibilidade, vez; logo, o que lhe foi negado foi sua condição de humanidade.

Só muita sabedoria, muita negociação (não raro confundida com sincretismo), discrição, discernimento para preservar a sua cultura, o seu melhor. Só muita paciência e compreensão do valor da história oral, da importância daquele a quem não estava sendo dado crédito para se antecipar à Nova História e trazer essas suas características desde um tempo em que nela nem se falava: a história do ponto de vista do excluído e a narrativa como preservação da memória e da história.

Aristóteles disse que o enredo é a alma da narrativa. O enredo é sua vida. Mas eu diria que a linguagem em si é preciosa, a linguagem vale por si mesma. Existem textos que são capazes de encantar profundamente, independente do que o enredo venha a narrar. Só que aqui

você vai encontrar o enredo, a história e a palavra bem dita. E bendita.

Uma razão pela qual a escrita e a leitura são necessidades humanas é que elas satisfazem muitas necessidades conscientes e inconscientes, conforme Adler e Doren revelam no seu livro *Como ler livros: o guia clássico da leitura inteligente*.

Lemos, porque gostaríamos de entender melhor a vida, o porquê de certos acontecimentos e para ornamentar o nosso espírito. Jorge Araujo disse que *ler é evitar que a alma enfarte*, mas, às vezes, a história é tão cruel que, ao lê-la, por pouco não enfartamos.

Gostaríamos de compreender e precisamos de alívio para nossa ansiedade. E lemos para compreender, para obter informações e para conhecer melhor a história que é negada, por ser vergonhosa para os que oprimiram.

Ao ler, nós compreendemos um pouco melhor a vida e toleramos nossas próprias tristezas e as tristezas do mundo. Mas nunca teremos uma compreensão razoável do por que algumas coisas acontecem.

Este livro serve para fortalecer um sentimento de pertença. E como é necessário, aos descendentes da África mãe, poder dizer: *Este é o meu povo, esta é a minha terra, estes são os meus irmãos. Todos nós sabemos pelo que passamos, mas sabemos também a força que tiveram os nossos ancestrais para que nos fossem proporcionadas as oportunidades de poder, com orgulho, abraçar o sentimento de pertencimento e a consciência das raízes que nos sustentam, que nos oferecem chão.*

Nós sairemos da leitura deste livro mais maduros, mais ricos e, talvez, mais angustiados. Mas, paradoxalmente, mais felizes, por saber ter encontrado maturidade intelectual e elegância na escrita, nos autores (literatos e historiadores), e por ter tomado contato com histórias que são nossas, são dos brasileiros, e que desconhecemos ou fingimos desconhecer.

A Editus agradece a oportunidade de publicar uma obra desta envergadura e com esta função social – a de reparar injustiças, a de por luz no sombrio da história e valorizar um povo e as muitas Mejigãs que sustentaram o que poderia ter ficado pelo caminho.

Por tudo isso, podem os netos dos netos do povo aqui apresentado dizer: *Tentaram nos massacrar, mas não conseguiram nem tirar a nossa alegria*. Segundo Jorge Amado, o índio e o branco são nostálgicos. O negro nos salvou da tristeza. É mesmo muita força moral, emocional e mental para, após tanto sofrimento, trazer de dentro a alegria que esteve guardada e, após tanta desvalorização, saber o quanto sua autoestima e sua autoimagem estão preservadas e estão sendo apresentadas ao mundo, se não intactas, aos poucos, restauradas.

*Maria Luiza Nora
Diretora da Editus*

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.

Maurice Halbwachs

[...] a História não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da História.

Ulpiano Bezerra de Meneses

[...] a verdade do passado remete mais a uma ética da ação presente que a uma problemática da adequação (pretensamente científica) entre “palavras” e “fatos”.

Jenne Marie Gagnebin

Da minha história, só quem sabe sou eu. Por
isso, só eu sei contar tintim por tintim.

Da sabedoria do povo de terreiro

SUMÁRIO

RESTAURAÇÃO DO FATO HISTÓRICO: A ESCRITA E A ORALIDADE	23
---	-----------

PARTE I

MEJIGÃ: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

MEJIGÃ

<i>Ruy do Carmo Póvoas</i>	37
----------------------------------	-----------

EM BUSCA DE MEJIGÃ E SUA FAMÍLIA: UM DIÁLOGO ENTRE A ORALIDADE E A DOCUMENTAÇÃO ESCRITA

<i>Mary Ann Mahony</i>	97
------------------------------	-----------

RITOS DA PALAVRA, GESTOS DA MEMÓRIA: A TRADIÇÃO ORAL NUMA CASA IJEXÁ

<i>Marialda Jovita Silveira.....</i>	139
--------------------------------------	------------

ILÊ AXÉ IJEXÁ: LUGAR DE TERAPIA E RESISTÊNCIA

<i>Maria Consuelo de Oliveira Santos.....</i>	197
---	------------

PARTE II

O CONTEXTO DA ESGRAVIDÃO

UMA EXPERIÊNCIA DE TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE DOCUMENTO HISTÓRICO: RESISTÊNCIA E NEGOCIAÇÃO ESCRAVA NO ENGENHO SANTANA

<i>Teresinha Marcis e Ivaneide Almeida da Silva</i>	257
---	------------

A CARTA DOS ESCRAVOS DO ENGENHO DE

SANTANA (FAC-SÍMILE)	269
-----------------------------------	------------

O ENGENHO DE SANTANA: UMA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA	
<i>Teresinha Marcis</i>	281
REFLEXÕES SOBRE ÁFRICAS E SOBRE O ENGENHO DAS REVOLTAS	
<i>Kátia Vinhático Pontes e Flávio Gonçalves dos Santos.....</i>	327
CULTURA E ETNICIDADE NA AMÉRICA PORTUGUESA: AS IRMANDADES NEGRAS, SÉCULOS XVII-XVIII	
<i>André Luiz Rosa Ribeiro</i>	371
SÃO JORGE DOS ILHÉUS: UM PANORAMA HISTÓRICO	
<i>Carlos Roberto Arléo Barbosa.....</i>	395
DO ENGENHO DE SANTANA AO ILÊ AXÉ IJEXÁ: O FINAL DO CONTEXTO DA ESCRAVIDÃO	
<i>Ruy do Carmo Póvoas</i>	461
 ANEXOS	
IMAGENS DE HERANÇA: RETORNO DO IJEXÁ À CASA DE MEJIGÃ, O ANTIGO ENGENHO DE SANTANA	
<i>Ruy do Carmo Póvoas e André Elvas Falcão Soares</i>	467

RESTAURAÇÃO DO FATO HISTÓRICO: A ESCRITA E A ORALIDADE

Os conhecimentos precisam dialogar entre si. A pós-modernidade veio inaugurar o esfumaçamento dos limites rígidos entre conhecimentos diversos. É saudável, portanto, que neste livro um texto de memória oral esteja a par com outros que se constroem a partir dos estudos da História. Tal atitude decorre da crença no esforço que a humanidade vem empreendendo para costurar o rasgão realizado pelo Iluminismo: de um lado, o conhecimento comum; de outro, o conhecimento científico; fazer História seria o oposto de coligir a memória através da oralidade.

Na verdade, o texto memorialístico, *Mejigã*, deu origem à ideia de organizar um livro. Por sua vez, o referido texto se configura numa tentativa de dar feição escrita a alguns dos relatos orais que eu ouvi de minha mãe e minhas tias maternas, durante quatro décadas, desde minha tenra infância. Tais relatos se constituem retalhos de uma narrativa maior, que girava em torno de uma mulher negra, de nome cristão Inês, que fora trazida da cidade de Ilexá, na África, onde era sacerdotisa de Oxum, para ser escrava no Brasil, e se deparou em Ilhéus, no Engenho de